



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História  
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Balaban

**MODA E EMANCIPAÇÃO FEMININA: UM ESTUDO DO *JORNAL DAS SENHORAS* –  
RIO DE JANEIRO, 1852**

Guilherme Domingues Gonçalves

Brasília,  
Janeiro de 2014



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História  
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Balaban

**MODA E EMANCIPAÇÃO FEMININA: UM ESTUDO DO *JORNAL DAS SENHORAS* –  
RIO DE JANEIRO 1852**

Monografia apresentada ao Departamento  
de História do Instituto de Ciências  
Humanas da Universidade de Brasília para  
a obtenção do grau de licenciado/bacharel  
em História.

**Banca Examinadora**

Professor Doutor Marcelo Balaban (Presidente) - HIS/UnB  
Professora Doutora Neuma Brilhante Rodrigues - HIS/UnB  
Professora Doutora Teresa Cristina de Novaes Marques - HIS/UnB

Brasília,  
Janeiro de 2014

## **Agradecimentos**

Agradeço, em primeiro lugar, a minha mãe, Rosa Maria Domingues Gonçalves, e a meu pai, Frederico Alberto Gonçalves, que nunca me perguntaram o porquê de minhas escolhas, mas sempre estiveram comigo, me respeitando e me apoiando. A vocês, o meu amor incondicional. Estendo esse amor à minha irmã Camila e ao meu irmão Rafael, meus melhores amigos. Agradeço também as minhas avós e aos meus avôs, fonte de profunda admiração; e ao restante da família que, embora longe, torce por mim.

Aos meus amigos, sem vocês a vida não faria sentido. As minhas queridas companheiras de caminhada Isabela Miaki, Isabella Paiva, Lidyanne Aquino e Natália Darzi, mesmo estando longe as sinto tão perto. Aos que conheci na UnB, com seus cursos diversos, e que me fizeram crescer como ser humano. Amanda Pereira, Amanda Holgado, Amanda Freitas, Letícia Alves, Narandaye, Estefany Alves, Felipe Petit, Luciana Lopes, Laíra Donosino, Letícia Couto, Cecília Siqueira, Mariana Fernandes, Felipe Nisiyama, Gabriela Gontijo. Também agradeço aos colegas de curso que contribuíram à minha formação.

Ao professor Marcelo, sempre solícito e atencioso. Obrigado por acreditar em mim, pelas orientações precisas e pela liberdade de criação. Agradeço a todos os outros professores do departamento de História e dos demais nos quais transitei por contribuírem no processo de construção do meu conhecimento. Em especial as professoras Lucília Neves e Eleonora Zícarí e ao professor Jaime de Almeida, por sempre me incentivarem a seguir o meu desejo de pesquisa. Da mesma forma, agradeço a professora Tereza Kirschner por suas aulas inspiradoras e suas orientações certeiras.

A todas e todos o meu muito obrigado!

## Resumo

O *Jornal das Senhoras* surgiu no cenário da imprensa do Rio de Janeiro em 1852. É considerado pela historiografia o primeiro periódico redigido por mulheres no Brasil. Este trabalho de conclusão de curso faz um estudo dos seis primeiros meses de existência dessa publicação, período em que a redatora chefe era Joanna Paula Manso de Noronha. A ideia de “emancipação” da mulher é noção central da folha. Entender como e porque essa ideia, definida como “emancipação moral da mulher”, aparece no jornal constitui o objetivo central deste trabalho. Ao por em questão a explicação da historiografia sobre a folha, definida pelo problemático conceito de “imprensa feminina”, procuro desvendar alguns sentidos do debate proposto sobre o lugar e o papel da mulher naquela sociedade. Para tanto, observo como a questão da moda, um tema recorrente do jornal, era elemento constitutivo do que pode ser definido como discurso emancipacionista do *Jornal das Senhoras*. .

Palavras-chave: Jornal das Senhoras, Emancipação feminina, Moda, Imprensa.

## Sumário

Introdução .....	5
<b>1. <i>Jornal das Senhoras</i>, um semanário feminista? .....</b>	<b>7</b>
<b>2. Emancipação moral.....</b>	<b>18</b>
<b>3. Colete de emancipação.....</b>	<b>27</b>
Considerações Finais.....	38
Referências Bibliográficas .....	39

## Introdução

Assim que surgiu, o *Jornal das Senhoras* definiu como um de seus objetivos tratar do que chamou “emancipação moral da mulher”. O semanário foi dirigido e redigido por mulheres. O público alvo da nova folha, como aponta de forma inequívoca o seu título, eram as “senhoras”, ou seja, mulheres de boa condição social. Por estranho que possa parecer para um leitor do século XXI, acostumado a pensar que movimentos ligados a emancipação da mulher surgiram somente no século XX, a questão já aparecia neste e em outros periódicos que circularam no Rio de Janeiro imperial devotados ao público feminino. O estranhamento, contudo, não para por aí. Mais do que simplesmente constatar se tratem de temas e questões importantes em pleno Rio de Janeiro imperial, o modo e o significado desses temas não são óbvios nem fáceis de entender. Nesse sentido, o *jornal*, em especial o seu tema central constitui um interessante enigma histórico, sendo a intenção dessa monografia avançar na compreensão dessas questões.

Como aponta Leric Garzoni<sup>1</sup>, uma das vertentes historiográficas sobre a questão da emancipação feminina voltou-se para a pesquisa de jornais concebidos por mulheres. Essa vertente defende serem os temas sobre maternidade e uma melhor educação feminina uma espécie de “lema” desses jornais de cunho emancipacionista produzidos no final do século XIX. Tais “lemas”, considerando em tempo e espaço distintos, aparecem ao longo das publicações do *Jornal das Senhoras*. No entanto, apenas por abordarem temas próximos não significa que se pode encaixá-lo nas mesmas interpretações históricas. O *Jornal* desenvolveu-se através de questões próprias do seu tempo, travando debates intrinsecamente associados a significados e noções distintas das de hoje. Desse modo, falar em “emancipação feminina” em meados do século XIX é tratar de algo bastante diverso do que se compreendeu e se compreende no século XX, XXI e até mesmo nas décadas finais dos oitocentos tinha outra acepção. Dessa forma, percebe-se a necessidade de pesquisar tal temática em diversos momentos históricos para problematizar os sentidos políticos e sociais da questão na sociedade escravista brasileira do século XIX.

---

<sup>1</sup> GARZONI, Leric de Castro. *Arena de combate: gênero e direitos na imprensa diária (Rio de Janeiro, início do século XX)*. Campinas, SP: [s.n.], 2012.

Objetivo desse trabalho é iniciar um debate sobre o que era essa “emancipação feminina” proposta pelo periódico. Para tanto, é necessário entender os propósitos de um tipo de imprensa devotado às questões da mulher, que a historiografia denomina de “imprensa feminina”, assim como perceber a confusa aproximação desse termo com a ideia de feminismo e perceber se um possível diálogo com esses conceitos pode ser frutífero para a pesquisa. Para isso, se faz necessário entender para quem esse semanário era escrito e por quem. Pretende-se, pois, historicizar a publicação aqui consultada. Somente assim será possível compreender o significado do que a folha chama de “emancipação moral da mulher”, estandarte do periódico. Para desenvolver esse argumento, busco compreender como esse discurso se manifestou nos textos da coluna de moda, seção que tinha uma posição de destaque no *Jornal das Senhoras*. Uma seção peculiar que carrega o estigma da frivolidade, mas que no *Jornal* adquiriu função de ajudar a senhora a se expressar e sair da posição de submissa ao homem.

## 1. *Jornal das Senhoras*, um semanário feminista?

Em uma quinta-feira, no primeiro dia do ano de 1852, era publicada a primeira edição do *Jornal das Senhoras*. Um periódico que iria tratar de assuntos como moda, literatura, belas-artes, teatro e crítica. Editado entre os anos de 1852 a 1855, é apontado como o “primeiro periódico escrito por mulheres e direcionado para o público feminino”<sup>2</sup> no Rio de Janeiro. Produzido na capital do império pela tipografia Parisiense, localizada na Rua Nova do Ouvidor número 20, o *Jornal das Senhoras* era uma publicação semanal. Excetuado a primeira edição, saía aos domingos e o primeiro número de cada mês trazia “um lindo figurino de mais bom tom de Paris, e os outros seguinte de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em música, moldes e riscos de bordados”<sup>3</sup>. O preço da assinatura para o trimestre era 3\$000 rs. na corte e 4\$000 rs. para as províncias, os trimestres eram contados em janeiro, abril, julho e outubro e o pagamento da assinatura deveria ser adiantado.

Na primeira página da primeira edição a editora Joanna Paula Manso de Noronha, seguindo a praxe da imprensa da época, escreve o artigo programa do semanário. Dirigido às *assignantes*, apresenta a posição, os objetivos e demais características da nova folha. Acionando a imagem do redator ora como uma figura de prestígio ora como um vadio, um ente inútil, Noronha se questiona o que seria uma senhora a testa de redação, “que bicho de sete cabeças será?”<sup>4</sup> Trazendo exemplos de países da Europa e dos Estados Unidos, locais onde senhoras colaboradoras de jornais era costume, a editora argumenta que a América Latina estaria estacionada nas suas ideias, enquanto o mundo marchava rumo ao progresso, uma espécie de principio, ideologia nacional, nova “religião”. Esse atributo seria, até então, uma novidade e objetivo do tempo reivindicado por diferentes homens de imprensa, homens de letras e mesmo alguns políticos, uma qualidade até então identificada apenas com homens. Entretanto, segundo nossa editora, o Rio de Janeiro, Capital do império iria acolher com “satisfação e sympathia”<sup>5</sup> o *Jornal das Senhoras*. Jornal redigido por uma mulher, “uma americana que, senão possui talentos, pelo menos tem vontade e o desejo de

---

<sup>2</sup> LIMA, Joelma Varão. *Jornal das Senhoras, olhares femininos sobre a urbanização na corte*. In. Anais do XIX encontro regional de história: poder, violência e exclusão. São Paulo: ANPUH-USP, 2008, p.1.

<sup>3</sup> O *Jornal das Senhoras*. Tomo I, quinta-feira, 1 de janeiro de 1852, p. 8.

<sup>4</sup> Idem, ibidem, p.1

<sup>5</sup> Idem, ibidem, p.1.



propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a *emancipação moral da mulher* [grifo meu]”<sup>6</sup>. Para propagar essas ideias Noronha contava com a colaboração de algumas escritoras que se mantinham anônimas, porém, como aponta à editora, suas leitoras não deveriam temer em confiar em uma publicação anônima e nem temer em dar expansão aos pensamentos ali defendidos.

Logo em seu texto de apresentação, o *Jornal* mostrava a que vinha. A questão da “emancipação moral da mulher” se constituía em um dos pontos estruturantes do pensamento do hebdomadário. Esse objetivo irá se manter de forma evidente ao menos nos seis primeiros meses de sua publicação, período em que a folha foi comandada por Noronha. A cada nova edição um ou mais textos sobre o assunto eram publicados. Como aponta em outra seção da primeira edição, o jornal seria “dedicado exclusivamente às Senhoras [e] tratará desses direitos e dessa educação, cuja principal tendência é a *emancipação moral da Mulher*[grifo meu]”<sup>7</sup>. Tal discurso manifesta-se nas outras seções existentes no periódico, entre elas a dedicada à moda e no folhetim, que era escrito pela própria redatora-chefe. Percebe-se assim que, praticamente, todo o jornal era construído para tratar essa questão, para desenvolver argumentos associados a esse princípio, razão de ser do semanário. Mas o que era, afinal de contas, essa “emancipação moral da Mulher”?

\* \* \*

Para começar a responder essa questão, é preciso dizer que periódicos destinados ao público feminino não eram exatamente uma novidade em 1852. Ao contrário, como aponta a pesquisadora Dulcília Schroeder Buitoni<sup>8</sup>, existiam folhas devotadas ao público feminino no Brasil desde pelo menos 1827. O primeiro desse gênero no país teve sua circulação iniciada naquele mesmo ano na cidade do Rio de Janeiro, intitulado *O Espelho Diamantino*. Depois desse, outros tantos surgiram. *O Espelho das Brasileiras* (1831), *Jornal de Variedades* (1835), *Espelho das Bellas* (1841), *Jornal das Damas* (1862), para citar alguns. Como aponta Karine da Rocha Oliveira esses “são apenas jornais dedicados ao publico feminino, mas sob os cuidados masculinos, que

---

<sup>6</sup> O Jornal das Senhoras. Tomo I, quinta-feira, 1 de janeiro de 1852, p.1.

<sup>7</sup> Idem, ibidem, p.6.

<sup>8</sup> BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1990.

muitas vezes assinavam seus escritos com pseudônimos de mulheres”<sup>9</sup>. O pioneirismo de um jornal editado por uma mulher no Brasil, como ressalta a historiografia, ocorreu com a publicação do *Jornal das Senhoras*.

Pesquisadoras como Buitoni e Oliveira mostram o atraso do surgimento da imprensa feminina no país. O primeiro jornal feminino do qual se tem notícias é o inglês *Lady's Mercury*, criado no ano de 1693. “Provavelmente o surgimento de jornais ou revistas femininos estava relacionado com a ampliação dos papéis femininos tradicionais, circunscritos até então ao lar ou ao convento”<sup>10</sup>. De qualquer forma, como reforça Buitoni, “o jornalismo feminino já nasceu complementar, revestido de um caráter secundário, tendo como função o entretenimento e, no máximo, um utilitarismo prático ou didático”<sup>11</sup>. Pouco a pouco, essa concepção de jornal se espalha pelo mundo. No entanto, foi na França que a imprensa feminina mais se desenvolveu. Em 1758 ocorre a publicação do primeiro jornal feminino naquele país – *Courrier de la Nouveauté*. Depois se tem a publicação do *Journal de Dames*, que começou como um periódico literário, mas não tardou a acrescentar páginas de moda, passando então a ser chamado de *Journal des Dames et de Modes* (1759-1778). Para Oliveira, esse pioneirismo ajuda a explicar a razão de ter sido a França “o país responsável pela difusão dos periódicos femininos nas Américas, incluindo o Brasil, que adotou o modelo francês de imprensa como o ideal a ser seguido por nossas mulheres”<sup>12</sup>.

Dulcinéia, em seu livro *Mulher de papel*, estabelece um diálogo com as obras de Evelyne Sullerot *La presse féminine* e *Histoire de la presse féminine des origines jusqu'à 1848*. Em resumo, Sullerot defende que a história da imprensa feminina se desenvolve em dois planos. Um seria o plano dos *deveres*. Essa imprensa estaria ligada ao campo dos estilos, modas e convenções, seriam publicações que ajudariam as mulheres a viver da maneira que deveriam, assumindo o papel social a elas destinado. Inicialmente traziam em seu conteúdo crônicas de óperas e teatros, poesias, folhetins; depois passaram a ensinar receitas de cozinhas e conselhos de economia doméstica. O outro plano seria o dos *direitos*, era a imprensa que tratava da condição feminina, preocupada com o lugar das mulheres na sociedade. Por vezes recebem o rotulo, segundo Sullerot,

---

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Karine da Rocha. Josefina Álvares de Azevedo: a voz feminina no século XIX através das páginas do jornal A Família. Fundação Biblioteca Nacional, p.7.

<sup>10</sup> BUITONI. Dulcília Schroeder. Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1981, p. 9

<sup>11</sup> Idem, ibidem, p.9.

<sup>12</sup> OLIVEIRA, Karine da Rocha. Op. cit. p.6

de “feminista”, porém nem sempre são sufragistas. A imprensa feminina se desenvolve da mistura dessas duas características, podendo um jornal orbitar em torno de um ou outro polo. Construído sob o estigma do gênero, como ressalta a historiografia, o conceito imprensa feminina permeia quase todos os trabalhos que se utilizam de jornais ou revistas feitos para ou por mulheres. Revestida por um falso caráter de neutralidade, englobando assuntos do universo feminino, muitas vezes compreendidos como frívolos e de menor importância, essa imprensa veicula conteúdos com um forte cunho ideológico. Entretanto, a historiografia faz uso de tal conceito, muitas vezes, de modo apressado. Os trabalhos não tomam o cuidado de problematizar a questão, tratando-a como se fosse algo auto evidente: por ser feita para, ou por mulheres, logo seria imprensa feminina e leia-se, assim, feminista. Nesta monografia, sigo rumo diverso. No lugar de incorporar o conceito, procuro problematizar ele. Afinal, mesmo abarcando uma gama ampla de temas<sup>13</sup>, e talvez em razão dessa amplitude, esta categoria de análise parece limitar as possibilidades de interpretações. Ao operar com definições sobre o papel social e político das mulheres muito associadas às lutas feministas travadas no decorrer do século XX, deixam de observar os sentidos históricos do que se pode chamar de “questão feminina” na e da imprensa dedicada às mulheres no Rio de Janeiro Imperial. Dificilmente é considerada a questão de classe social, da raça ou qualquer outra distinção existente, de sorte que tal forma de explicar os periódicos feitos para ou por mulheres parece esquecer que tais veículos de comunicação tinham um público-alvo definido e era para ele que cada folha se dirigia. Logo tais estudos, ao buscar explicar a tal “imprensa feminina” como uma espécie de proto-história do feminismo, por vezes acaba por reafirmar visões simplistas sobre uma realidade que era muito mais complexa, na qual a questão do gênero se apresentava de formas e com sentidos múltiplos e em muitos casos surpreendente. Falar em “emancipação moral da mulher” naquele contexto era, desse modo, algo bastante particular e distinto de qualquer reivindicação por igualdade de gênero, o que está tão em voga nos dias de hoje. Nem mesmo pode-se falar em uma espécie de pré-história das lutas políticas por direitos e lugares políticos e sociais, senão iguais, ao menos, desiguais. Parece mais interessante trabalhar com a premissa de ser um problema ligado ao seu tempo, com lógicas e razão próprias dele.

---

<sup>13</sup> BUITONI. Mulher de Papel. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

Também não se pretende aqui esboçar a história da imprensa feminina no mundo e/ou no Brasil. Além de não ser objeto do trabalho, pesquisadores desse tema já apontam a falta de trabalhos desse tipo, entre eles a já citada Buitoni. Entretanto, compreender que o jornal aqui pesquisado não surgiu fora de um contexto, mesmo sendo este muito mais complexo do que o por hora apresentado, se faz necessário. Ao mesmo tempo, é importante compreender o *Jornal das Senhoras* não apenas como um marco na imprensa brasileira sem problematizar tal fato. Percebe-se na bibliografia lida essa associação do *Jornal* com esse marco, sem se ter uma preocupação de fato com o conteúdo por ele produzido. Dos que fogem a essa regra, mais recentemente, Joelma Varão Lima defendeu uma tese de doutorado na PUC-SP intitulada - *O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo (Rio de Janeiro na segunda metade do Século XIX)*. Nela, a autora busca perceber as mudanças sofridas no Corte no período que o *Jornal* esteve em circulação e como o periódico se encarregou de situar suas leitoras nesse período de transformação. Nesse sentido, o periódico procurava ensinar às suas leitoras viver e se comportar na sociedade daquela época, produzindo assim, segundo Lima, um discurso pedagógico. No entanto, a autora da tese defende que a imprensa foi apenas um veículo de divulgação dessas novas ideias e não, possivelmente, uma produtora de novas ideias. Parece faltar, novamente, uma leitura mais crítica da fonte.

Dessa forma, percebe-se a necessidade de se recuperar as condições políticas, sociais e culturais de criação do *Jornal das Senhoras* e, com tal procedimento, procurar recuperar o sentido histórico da folha, observando os seus objetivos iniciais, os debates nos quais se envolveu, sua relação com outras folhas, bem como as ideias que procurou desenvolver e disseminar. Buscar desvendar, ao menos em parte, o sentido do que chama de “emancipação moral da mulher” constitui, nesse sentido, uma chave privilegiada de pesquisa, capaz a um tempo de auxiliar na compreensão da folha e das questões em torno das quais ela se constituiu. Entretanto, como aponta a pesquisadora Tania Regina de Luca<sup>14</sup>, os periódicos vêm revestidos de uma complexidade desanimadora. Sempre haverá uma dificuldade, ou uma série de limites, que há um tempo desencorajam e instigam. Ao longo dessa pequena pesquisa tais problemas apareceram. A começar pela impossibilidade de acessar o jornal na versão em papel,

---

<sup>14</sup> LUCA, Tania Regina. *A história dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

visto que o acesso à fonte se deu através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, perdendo dessa forma o contato com a materialidade da fonte. Outra dificuldade diz respeito à bibliografia sobre o periódico. Apesar de haver um número razoável de trabalho sobre o periódico, eles reproduzem, com pequenas variações, os mesmos argumentos. Por fim, ressalto o pouco tempo de pesquisa para buscar outras fontes que pudessem agregar informação de modo a dar mais densidade histórica ao jornal, recuperando, ou tentando recuperar as condições de produção, sua distribuição, tiragem, viabilidade econômica, manutenção e recepção do periódico.

\* \* \*

Como já dito anteriormente, *Jornal das Senhoras* foi publicado regularmente na Corte entre os anos de 1852 a 1855. Durante os primeiros seis meses, o que corresponde a 26 edições, o periódico foi editado por Joanna Paula Manso Noronha<sup>15</sup>. De nacionalidade argentina, Noronha veio exilada para o Brasil em 1842, juntamente com o seu pai que escapou da ditadura de Juan Manuel Rosas. No ano de 1844 casou-se com um violinista português, com quem se mudou para os Estados Unidos. Regressam ao Rio de Janeiro – não se tem informação precisa sobre o ano - onde começa a publicar o *Jornal das Senhoras*. Apontada por Oliveira<sup>16</sup> como a primeira feminista argentina, enquanto residiu no Brasil escreveu peças teatrais e fundou uma escola para moças no Rio de Janeiro. Como ressalta a pesquisadora Luiza Lobo, Joanna “permaneceu no Brasil devido ao exílio do pai, ou na esperança de estudar Medicina. Terminados o casamento e a ditadura de Rosas, retornou imediatamente a Buenos Aires”<sup>17</sup> em 1853.

Autora de um único romance, que foi publicado no folhetim do sob o título de *Misterios del Plata, romance histórico contemporâneo*. Originalmente escrito em espanhol, já apareceu na primeira edição, tendo sido publicado em português até a de número 27<sup>18</sup>. O enredo da história se desenvolve com uma relação muito próxima da história Argentina, sem relação com o contexto brasileiro. O romance apresenta interesse em relação a temas feministas<sup>19</sup>, além de característica autobiográficas e um tema político-histórico, diferindo-se em relação a maior parte dos romances de mulheres

---

<sup>15</sup> Por ser argentina seu nome também pode ser grafado como Juana Paula Manso de Noronha. Manteve-se nesse trabalho a forma grafada na primeira edição do *Jornal das Senhoras*.

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Karine da Rocha. Op. cit.

<sup>17</sup> LOBO, Luiza. *Juana Manso: uma exilada em três pátrias*. Gênero. Niterói, v.9, n.2, p.47-74, 1º sem.2009.p.49.

<sup>18</sup> *O Jornal das Senhoras*. Tomo II – Domingo, 4 de julho de 1852.

<sup>19</sup> Termo utilizado pela pesquisadora Luiza Lobo.

do século XIX publicado no Brasil<sup>20</sup>. A temática do romance é a ditadura de Rosas e os abusos políticos e sociais sofridos pelos argentinos. Ambientado, quase que exclusivamente, em Buenos Aires, o folhetim retrata a história do Dr. Valentim Alsina, sua mulher, Antonia Masa de Alsina, e seu filho Adolfo em meio a esse contexto de oposição a Rosas. Como observa Lobo, Antonia é caracterizada através do mito da “mulher guerreira” medieval, participando ativamente em alguns episódios de libertação do marido e, além disso, possuindo ilustração. Como Joana nos mostra ao final da primeira parte do folhetim:

“A historia d’essa heroica Argentina é mais um facto que prova a necessidade da ilustração das mulheres; não só em proveito de si mesmas, quanto em proveito do homem, de que são ellas a companheira e o segundo chefe da família.”<sup>21</sup>

Ao ressaltar a importância da instrução da mulher para que ela pudesse atuar política e socialmente, é de se notar que o papel dessa heroína está muito intimamente relacionado ao homem, sendo descrita como a sua “companheira” e “o segundo chefe de família”. Na segunda edição do jornal<sup>22</sup>, Noronha melhor se apresenta e desenvolve seus objetivos com o periódico. O texto intitulado *Quem eu sou e os meus propositos* veio após a coluna de moda – que nesta edição abre o jornal falando do furor provocado pelo “colete de emancipação” – e de uma pequena retrospectiva do ano de 1851. Para a decepção de suas leitoras, visto que no texto Joana deixa subentendido certo frenesi delas para saber quem é a redatora do *Jornal das Senhoras*, a *Femme Auteur*, não iria matar essa curiosidade. Primeiro, diz a narradora, porque falar de si mesma é uma triste tarefa. Depois, porque rememorando seu susto obtido com o descompasso adquirido ao conhecer o poeta Estevan Echeveria, que escrevia lindos poemas, mas era feio, a autora não queria causar a mesma decepção em suas leitoras. “Por isso não vos direi quem eu sou. Deixo-vos adivinhar (não sou vesga nem bexigosa) e vou tratar dos meus propositos”<sup>23</sup>. Assim sendo, a redatora prossegue apontando que iria “fallar em diferentes coisas, e sobre tudo, das mulheres, dos seus direitos, sua missão, etc”<sup>24</sup>. No entanto, tal projeto só iria ter continuidade se Deus permitisse ou se não acontecesse o que ocorreu na Espanha do Rei D. Fernando, uma tentativa de reviver a inquisição,

---

<sup>20</sup> LOBO, Luiza. Op. cit.

<sup>21</sup> *O Jornal das Senhoras*. Tomo I – Domingos, 11 de Janeiro de 1852. p.7.

<sup>22</sup> Idem, ibidem.

<sup>23</sup> Idem, ibidem, p.11.

<sup>24</sup> Idem, ibidem, p.11.

como escreve Noronha, que proibiu formalmente livros e encaminhou para uma comissão de Dominicanos livros estrangeiros. O medo de Noronha era de que seu inocente semanário sofresse algum tipo de “auto de fé privado”, pois “fallar nos direitos, na missão da mulher, na sua emancipação moral!”<sup>25</sup> talvez tocasse em questões delicadas e não fosse literatura que deveria ser permitida nas casas de família. Ao mesmo tempo, a editora tinha dúvidas se o *Jornal* teria alguma leitora ou leitor e se não tivesse estaria ela pregando o sermão no deserto.

Tal dúvida parece ter sido sanada na edição seguinte, publicada no dia 18 de janeiro de 1852. Ao contrário dos temores de Noronha, e quem sabe por motivos distintos daqueles que a fizeram criar a nova folha, *O Jornal das Senhoras* foi recebido com muito entusiasmo, visto que a primeira edição dos figurinos foi esgotada e um número considerável de assinantes ficou sem o seu exemplar e tiveram que esperar até o próximo trimestre de Abril, quando o jornal iria receber um número dobrado de estampas vindas de Paris. Para além do folhetim e dos figurinos, a primeira fase do *jornal* contou não só com colunas sobre moda, teatro, belas artes e poesia, mas também com partituras de músicas, romances franceses, moldes e riscos de bordados. Tudo produzido sobre o ideal de bom tom parisiense, pois como o próprio nome do jornal diz, ele era direcionado as Senhoras da Corte Brasileira, ou seja, para mulheres de boa condição social, vistas como parte importante daquele mundo, mas que careciam ainda de emanciparem-se, ou serem emancipadas. Como afirma a colunista de moda, em seu primeiro texto, estar “certa e certíssima”<sup>26</sup> de que escrevia para o círculo de bom-tom, uma inequívoca referência de classe e, muito provavelmente, de raça. É corriqueiro nesses primeiros seis meses relatos de bailes ou *rendez-vous* realizados no Rio de Janeiro, no jardim botânico ou em salões, culminado na edição de 14 de março de 1852<sup>27</sup> o ápice dessa pequena descrição da vida na capital do Império a qual é dedicada ao aniversário da S.M. a Imperatriz, produzindo uma grande exaltação a tal figura pública, digna de toda a gratidão e amor. Dessa forma percebe-se que o jornal era escrito para as senhoras que eram familiarizadas com a vida na Corte brasileira que eram ou transitavam entre Condessas e Baronesas. É de se questionar se a própria redatora e as demais colaboradoras do periódico não eram também partes integrantes dessa elite senhorial brasileira, assim como as leitoras pretendidas pelo jornal.

---

<sup>25</sup> *O Jornal das Senhoras*. Tomo I – Domingos, 11 de Janeiro de 1852, p.12.

<sup>26</sup> *O Jornal das Senhoras*. Tomo I – Quinta-feira, 1 de Janeiro de 1852, p.4

<sup>27</sup> *O Jornal das Senhoras*. Tomo I – Domingo, 14 de Março de 1852.

Outro ponto a se ressaltar é que ser uma mulher letrada nessa época era uma questão de classe social e origem étnica, como demonstra a pesquisadora Guacira Lopes Louro<sup>28</sup>. Por mais que discursos em relação à educação da mulher já fossem defendidos desde as primeiras décadas do século XIX<sup>29</sup>, foi apenas no final dos oitocentos que tal fato se consolidou, ainda que de forma incipiente. Pois, como ressaltava Louro<sup>30</sup>, a educação nas províncias do Império brasileiro sofria de total abandono tanto para meninas quanto para meninos. Para as populações de origem africana e descendentes indígenas era praticamente negado o acesso a qualquer forma de escolarização e os imigrantes<sup>31</sup> reproduziam, normalmente, aqui as propostas educativas de seus países de origem. Além disso, como salienta Louro<sup>32</sup>, as meninas das camadas populares se envolviam desde muito novas em tarefas domésticas, no cuidado dos irmãos menores e outras atividades que as afastavam da educação escolarizada. Portanto, percebe-se que os discursos produzidos pelo *Jornal das Senhoras* tinham uma série de dificuldades para serem apropriados e ter uma repercussão entre as mulheres no Brasil Império, visto a pluralidade que tal conceito abarca, e visto que, talvez, abarcar todas essas mulheres não fosse o objetivo do semanário. Todavia não se pode excluir a possibilidade de apropriação desses discursos, pelas mulheres letradas da Corte, através dos encartes ou dos suplementos que continham os figurinos e os bordados.

Percebe-se assim que o jornal possuía um público alvo: as mulheres letradas da Corte, que poderiam encontrar no *Jornal das Senhoras* um meio para aprender como deveriam se portar na sociedade, o que vestir, que peça teatral assistir e que romance ler. Ao mesmo tempo, a redatora chefe dá a entender que eram leitoras que desejavam tornar-se ilustradas, sendo assim, o jornal também colaborava para elas descobrirem o seu papel social. Papel de filha, esposa e mãe.<sup>33</sup> Percebe-se que o semanário tentava mesclar em sua produção os dois planos defendidos por Sullerot. O plano dos *deveres* e dos *direitos*, possivelmente, para tentar atrair dois públicos diferentes e conseguir se manter tanto financeiramente, através das vendas, quanto por ser uma leitura permitida às senhoras de família do Brasil imperial. Sendo assim, percebe-se que o jornal tinha a

---

<sup>28</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula*. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

<sup>29</sup> Esse é um dos assuntos mais defendido por Joanna Paula Manso Noronha ao longo das edições em que foi redatora chefe. Assunto que será melhor desenvolvido no capítulo 2 desta tese.

<sup>30</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula*. Op. cit.

<sup>31</sup> Em sua maioria de origem alemã, italiana, espanhola, japonesa e etc.

<sup>32</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula*. Op. cit.

<sup>33</sup> Ideia apresentada no Texto: *Declaração – sobre as minhas ideias da emancipação moral da mulher*. In: *O Jornal das Senhoras*. Tomo I – Domingos, 25 de Janeiro de 1852.



intenção de trazer esclarecimento para as senhoras brasileiras, buscando mostrar para suas leitoras qual seria a verdadeira missão da mulher na sociedade. Para isso, o semanário valia-se dos componentes que compunham tal publicação, a coluna de moda, o folhetim e textos de cunho mais explícito sobre o que se acreditava ser a emancipação moral da mulher.

O *Jornal das Senhoras* tinha como missão informar, com qualidade, suas leitoras, como apresenta colunista de moda na edição de 25 de janeiro de 1852:

“Um jornal d’esta ordem, minhas queridas, com o timbre honroso de – JORNAL DAS SENHORAS – escripto por ellas mesmas com o duplo fim de defender os direitos do seu sexo, e centralizar as modas e a sua direção, jámais seria publicado, sem ter estabelecido todas as precisas circunstancias para bem desempenhar a missão de que se encarregou para com vosco.”<sup>34</sup>

Joanna, de forma explicita, era definida como uma senhora. O *Jornal*, com seu honroso “timbre”, era “escrito por elas”, as senhoras. A ideia aqui, portanto, parece ser a de criar um tipo de cumplicidade, ou identidade entre as leitoras e a folha. Aquela não era, afinal, apenas uma folha “para” as senhoras, seria, sobretudo um periódico “das” senhoras. Conceitos tão abrangentes como feminismo estão em muitos casos associados ao termo imprensa feminina. Se o pensamento feminista, como aponta algumas autoras, tem suporte nas ideias de Rousseau no século XVIII, isso não significa que no Brasil o feminismo existia, ao menos com o formato que ganhou no século XX, ao longo dos oitocentos<sup>35</sup>. Como ressalta Oliveira, o movimento feminista brasileiro no século XIX se configurou como “vozes espalhadas ao redor do país e que nem sempre conseguiam se comunicar umas com as outras”<sup>36</sup>. Parece ser Joanna Paula Manso Noronha, com sua estratégia de fazer da imprensa um meio de difusão e convencimento de ideias relacionadas aos direitos e papéis sociais e políticos das mulheres, mais uma dessas vozes, juntamente com Nísia Floresta, Josephina Álvares de Azevedo e outras. Joanna é fruto do seu tempo histórico e como marca Lobo:

“As ideias que Juana Manso expõe sobre a ‘liberação intelectual’ das mulheres não são originais, mas seguem a ideologia corrente da época, que exigia uma emancipação restrita, unicamente no plano intelectual, e ainda não extensiva

---

<sup>34</sup> *O Jornal das Senhoras*. Tomo I – Domingos, 25 de Janeiro de 1852. p.25.

<sup>35</sup> OLIVEIRA, Karine da Rocha. Op. cit

<sup>36</sup> OLIVEIRA, Karine da Rocha. Op. cit. p. 14.

ao trabalho, divórcio, creches, voto, autonomia e outras reivindicações ligadas ao corpo.”<sup>37</sup>

Logo, não cabe tentar colocar questões que não eram tratadas no século XIX e atribuir significados anacrônicos à específica noção de “emancipação moral da mulher” como é discutido no periódico. O *Jornal das Senhoras*, como qualquer fonte, é fruto do seu tempo e, em particular, é o resultado das ideias e ações de sua redatora-chefe. Nele tais temas listados por Lobo, e muitas vezes incorporados nos discursos feministas, não são abordados. Se tais questões são os únicos fatores estruturantes para se categorizar os jornais como de cunho feminista ou não, tal semanário, pelo menos em seus seis primeiros meses, não se enquadra nesta categoria, ou no conceito de feminismo. Contudo, se considerar questões como acesso a educação para o sexo feminino e incentivo a produção literária feminina como pontos presentes para categorizar um jornal do século XIX no Brasil como feminista ou não, pode-se pensar em apontar essa categoria para o *Jornal das Senhoras*, como parte da historiografia já vem realizando.

---

<sup>37</sup> LOBO, Luiza. Op. cit. p.70.

## 2. Emancipação moral

Ao longo dos primeiros seis meses de vida, o *Jornal das Senhoras* publicava, quase que semanalmente, algum artigo escrito por Joanna Paula Manso de Noronha ou alguma outra colaboradora para defender a tal “emancipação moral da mulher”. Abordar tema tão delicado, entretanto, requeria algumas prévias explicações sendo então, para as colaboradoras do hebdomadário, necessário apresentar primeiramente às leitoras como entendiam, ou definiam, a mulher. Seguindo a premissa de que não seria um mau “principio para uma Jornalista começar a definir aquilo que é indefinível”<sup>38</sup>, o tema é abordado já na primeira edição do semanário. Visando dirimir qualquer dúvida sobre o que, ou do que estavam falando, o artigo recebeu o sugestivo título de *A Mulher*.

“A mulher! O que vem ser a mulher?”<sup>39</sup>, indaga Noronha. Sua caracterização sobre quem seria a mulher se dá inicialmente pelo olhar masculino. Um olhar masculino que a caracteriza da maneira como seus relacionamentos ocorreram, quer seja para o bem ou para o mal. Assim sendo, um sujeito sem sorte no amor definiria o belo sexo como “um demônio com saias, uma cobra, um monstro, uma fúria, etc...etc.”<sup>40</sup> Os que tiveram seus corações roubados por uma bela, diriam que a mulher seria “o symbolo da inconstancia; diz que é traidora, falsa.”<sup>41</sup>. Mas para um rapaz apaixonado que faz declarações amorosas, este diz que “as mulheres são anjos consoladores, divindades, etc., etc.”<sup>42</sup>. Alguns poetas, segundo a autora, compreendiam que a mulher não veio ao mundo apenas para servir de *machine à propagation*, eles falavam em seu porvir e em sua missão. Mas isto somente até o dia em que sofrerem uma desilusão amorosa, “então eles gritarão com o resto dos homens – por fim: é mulher”<sup>43</sup>. A redatora conclui essa primeira parte dizendo: “E assim estamos neste mundo; insultadas por estes, elogiadas por aquelles, e desconhecidas e menoscabadas por todos!”<sup>44</sup>.

Continuando o artigo, a autora informa que muitas vezes as mulheres estão contra si mesmas e por isso volta a se perguntar o que seria uma mulher. E a resposta é: “Eu fracamente não o sei!”<sup>45</sup> Prossegue ironizando o mito de Adão e Eva, dizendo que

---

<sup>38</sup> O Jornal das Senhoras. Tomo I, quinta-feira, 1 de janeiro de 1852, p.5.

<sup>39</sup> Idem, ibidem, p.5

<sup>40</sup> Idem, ibidem, p.5.

<sup>41</sup> Idem, ibidem, p.5.

<sup>42</sup> Idem, ibidem, p.5.

<sup>43</sup> Idem, ibidem, p.5.

<sup>44</sup> Idem, ibidem, p.6.

<sup>45</sup> Idem, ibidem, p.6.

se não fosse pelo mal da Eva, ambos estariam presos até aquela época no paraíso e nesse caso não existiria o mundo nem mesmo *Jornal das Senhoras*. Logo após diz, “a mulher foi a causa de todo mal, e ainda é”<sup>46</sup> e retorna a Jesus de Nazareth para argumentar ser ele o primeiro revelador da missão da mulher no mundo. Parece que nesse momento a escritora quer mostrar à sua leitora, de uma maneira oblíqua, que as mudanças no mundo são resultados também da participação das mulheres. Nessa toada chega à parte final do artigo e só então esboça uma resposta à sua questão. A mulher não era o homem, “que novidade”<sup>47</sup>, tinha alma, inteligência, direitos divinos e naturais, sendo então suscetível ao bem e ao mal “Dizer-vos se a mulher é exclusivamente boa ou exclusivamente má. Eis o que não posso.”<sup>48</sup>. O artigo termina defendendo os direitos das mulheres sem explicitar quais, argumentando por uma reforma na educação moral e opondo-se à ideia do homem considera-la como uma propriedade. Por fim, reafirma, e reforça, o propósito do jornal: defender os direitos e a educação do sexo feminino. Cabe salientar que o período aqui estudado era em grande parte definido pela instituição da escravidão, que permeava e ordenava as práticas sociais. Assim, chamar mulheres brancas, de boa condição social, de propriedade poderia causar efeitos fortes ao igualar, ou ao menos a permitir uma aproximação com o universo da escravidão, um tipo de relação com pessoas de tez escura. O *Jornal* defende a quebra desse argumento de posse da mulher. A mulher ainda seria dependente do homem, mas não seria mais sua propriedade, sua escrava.

Como assinala Maria Fernanda Baptista Bicalho em seu trabalho sobre a imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro no final dos oitocentos, “a imprensa feminina possuía como principal reivindicação a educação ou instrução da mulher, suporte indispensável à sua racional emancipação.”<sup>49</sup> As indagações em relação a educação e a instrução feminina são argumentos centrais na defesa da emancipação moral da mulher pelo *Jornal das Senhoras*, como visto no artigo *A Mulher*. Por ser argumento central, sua defesa torna-se repetitiva ao longo das publicações, como será explicitado ao longo desse capítulo. Cabe, também, ressaltar que esses argumentos em

---

<sup>46</sup> O *Jornal das Senhoras*. Tomo I, quinta-feira, 1 de janeiro de 1852, p.6.

<sup>47</sup> Idem, ibidem, p.6.

<sup>48</sup> Idem, ibidem, p.6.

<sup>49</sup> BICALHO, Maria Fernanda Baptista. *O bello sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX*. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (org.). *Rebeldia e submissão: estudos sobre condição feminina*. São Paulo: Vértice, 1989. p.79.

defesa da educação feminina expandiam os limites de atuação da mulher e questionavam essa identidade que ligava a mulher ao espaço doméstico<sup>50</sup>.

\* \* \*

Pois bem, após está exposição de motivos, em grande parte voltada para tentar convencer as leitoras de que elas tinham direitos, nos resta agora procurar compreender o que a redatora chefe e suas colaboradoras defendiam como sendo a “emancipação moral da mulher”. Tal questão ganha uma primeira resposta na edição de 11 de Janeiro de 1852, em um artigo que se inicia da seguinte forma: “Emancipação moral da mulher – o que vem a ser isto?”<sup>51</sup>. Longe de se querer levantar o estandarte de rebelião, uma rebelião inútil como ressalta, o que passava a defender não eram delírios de utopistas, eram verdades eternas<sup>52</sup> e que estariam ao alcance de todas as inteligências, até mesmos as das mais medíocres, como aponta a autora. Essas verdades seriam primeiramente proclamadas pelos homens de boa fé, pois “à medida que o progresso melhora a condição moral do homem, ele mesmo sente a necessidade de elevar à sua altura aquella que Deos lhe deo por companheira.”<sup>53</sup> E essa atitude masculina se daria, como complementa a escritora, porque eles perceberiam que “é uma mulher que perpetua a sua raça!”<sup>54</sup> E “a mulher é sua inseparavel companheira! nas dores e nos prazeres!”<sup>55</sup>. Nesse primeiro ensaio de resposta sobre o que seria a tão comentada “emancipação moral da mulher”, argumenta que:

“o conhecimento verdadeiro da missão da mulher na sociedade; é o justo gozo dos seus direitos, que o brutal egoísmo do homem lhe rouba, e dos quaes a desherda, porque tem em si a força natural, e porque ainda se não convence que um anjo será mais útil que uma boneca.”<sup>56</sup>

Tal conhecimento não seria novidade para as mulheres, pois como argumenta a seguir, “a mulher conhece a injustiça com que é tratada, e reconhece perfeitamente a tirania do homem; não é ellas (sic) a quem temos de convencer da necessidade de sua emancipação moral”<sup>57</sup>. No entanto, parece ser justamente isso que a editora tenta fazer. A estratégia de Noronha aqui parece ser a de criar uma cumplicidade com a leitora e

---

<sup>50</sup> BICALHO, Maria Fernanda Baptista. Op. cit.

<sup>51</sup> O Jornal das Senhoras. Tomo I, quinta-feira, 11 de janeiro de 1852, p.12.

<sup>52</sup> Idem, ibidem, p.12.

<sup>53</sup> Idem, ibidem, p.12.

<sup>54</sup> Idem, ibidem, p.12.

<sup>55</sup> Idem, ibidem, p.12.

<sup>56</sup> Idem, ibidem, p.12.

<sup>57</sup> O Jornal das Senhoras. Tomo I, domingos, 11 de janeiro de 1852, p.12.

eleger, senão um inimigo, ao menos um responsável por tal situação. O caminho, desta feita, seria o de reformar a educação masculina, visto que enquanto o homem considerasse a mulher como sua propriedade nada poderia ser feito para reverter tal quadro. Dessa forma, caberia a todas as mães o dever de “desarraigá-lo esse preconceito funesto do espírito de seus filhos; essa idéia de uma superioridade injusta deve desaparecer no homem, desde menino, porque é-lhe fatal a elle mesmo.”<sup>58</sup> Esse é um dos pontos centrais do artigo. A educação dada aos filhos era função da mãe e por esse fato até mesmo o seu papel social deveria ser repensado, uma vez que “é precisamente desde o seio de sua família que ella pode ter uma influencia directa, sobre essa mesma família, sobre a nação, e sobre a humanidade inteira”<sup>59</sup>. Cabia à mulher educar o homem. Por isso a mulher teria outra influência para além de sua autoridade sobre as panelas ou sobre as roupas sujas<sup>60</sup>. Como mãe, o filho com ela deveria “aprender as primeiras lições da resignação, da paciência e da coragem, tão necessárias neste mundo.”<sup>61</sup> Como esposa, seria sua função escutar, no silêncio da noite, os projetos, as esperanças e até mesmo as decepções de seu esposo e de seus conselhos ele iria renovar seus projetos e sua fé. Pois “o coração da mulher, ilustrada sobre sua verdadeira missão, é o receptáculo das dores e dos prazeres da família.”<sup>62</sup> Em seu último parágrafo, reafirma os motivos de se pretender essa emancipação:

“Eis pelo que desejamos a emancipação moral da mulher; porque luctaremos sempre em demonstrar que ella não é inferior ao homem de intelligencia, e porque pugnaremos, sempre pelos seus direitos desprezados, e pela sua missão desconhecida.”<sup>63</sup>

Percebe-se neste artigo a centralidade da função materna para o desenvolvimento das relações femininas. Como observa a pesquisadora Karina da Rocha Oliveira, “colocar a figura da mãe como a função que maior representava a mulher seria uma forma de inseri-la dentro da sociedade, dar-lhe direito a uma educação digna, mas sem virilizá-la”<sup>64</sup>. A mulher seria aquela que iria inserir seu filho nas regras da sociedade e para realizar tal função com competência deveria estar também nela

---

<sup>58</sup> Idem, ibidem, p.13.

<sup>59</sup> Idem, ibidem, p.14.

<sup>60</sup> Idem, ibidem, p.14.

<sup>61</sup> Idem, ibidem, p.14.

<sup>62</sup> Idem, ibidem, p.14.

<sup>63</sup> Idem, ibidem, p.14.

<sup>64</sup> OLIVEIRA, Karine da Rocha. Op. cit. p. 30.

inserida. Como evidencia Maria Ângela D’Incao<sup>65</sup> é no decorrer do século XIX que o papel da mulher sofre um processo de transformação. Sob a valorização da intimidade e da maternidade nasceria uma nova mulher, “cada vez mais é reforçada a ideia de que ser mulher é ser quase integralmente mãe dedicada e atenciosa”<sup>66</sup>. Para, além disso, o sucesso familiar passaria a depender da mulher quer fosse para manter o prestígio social quer fosse para elevá-lo. Como destaca D’Incao, a mulher passa a significar um capital simbólico importante, se no núcleo familiar a configuração patriarcal ainda imperava, eram as figuras do sexo feminino que zelavam pela imagem do homem público. “Esse homem aparentemente autônomo, envolto em questões de política e economia, estava na verdade rodeado por um conjunto de mulheres das quais esperava que ajudassem a manter sua posição social.”<sup>67</sup>

Outro ponto a se considerar no artigo “Emancipação moral da mulher” é observar que a esfera doméstica deixa de ter suas relações de poder e controle, abordada como algo naturalmente concebido para ser tratada como algo socialmente construído. Por isso a importância que a mulher ganha ao desempenhar suas funções, pois ela como mãe iria educar seus filhos e como senhora iria controlar o funcionamento da casa. A pesquisadora Olívia Maria Gomes da Cunha reforça esse caráter doméstico desse nascente discurso emancipatório do século XIX:

“o sentido da *emancipação* propugnada pelo nascente discurso feminista, em vez de negar a importância e o poder da mulher na criação dos filhos, na manutenção da casa e na perpetuação dos valores e da posição social ostentada pela família, produz uma reconfiguração dos termos a partir dos quais o território, as relações e as funções domésticas são concebidas”<sup>68</sup>

Inserido nesse argumento, o *Jornal das Senhoras* mantinha sua incumbência de não só propagar a “emancipação moral da mulher”, mas, e atrelado a isso, formar essa nova mulher, fazer com que ela entendesse o seu novo papel social e o que isso implicaria. Como aponta a redatora: “quero que a mulher saiba que ser esposa não quer dizer simplesmente – casar-se.”<sup>69</sup> E como uma senhora iria compreender tal nova

---

<sup>65</sup> D’INCAO, Maria Ângela. *Mulher e família burguesa*. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

<sup>66</sup> Idem, ibidem, p.229.

<sup>67</sup> Idem, ibidem, p.230.

<sup>68</sup> CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Criadas para servir: domesticidade, intimidade e retribuição*. In: CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos. *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p.395.

<sup>69</sup> O *Jornal das Senhoras*. Tomo I, domingo, 25 de janeiro de 1852, p.28.

realidade? Através do seu estudo, “quero que ella estude acuradamente toda sublime abnegação que encerrão estes nomes – Filha, Esposa e Mãe.”<sup>70</sup>. O estudo, como dito anteriormente, seria a chave para se compreender como se tornar essa nova mulher, segundo o *Jornal*. Na edição de 25 de janeiro de 1852, o periódico traz um artigo intitulado “DECLARAÇÃO sobre as minhas ideias da emancipação moral da mulher”<sup>71</sup>, mais um capítulo do empenho de Joanna para deixar claro o que defendia e o que entendia por essa tal emancipação moral. Inicia-se o artigo frisando a curiosidade das leitoras com o tema e a sua condenação precipitada por alguns. Sem antes conhecer, sem antes se aprofundar já se revoltam contra uma nova doutrina, por instinto, frisa a escritora. Por medo de sofrer retaliações precipitadas a autora iria fazer sua declaração formal e estrondosa de seus princípios, pois não queria que os outros fizessem suposições falsas a seu respeito, tais como imaginar que ela queria o fim do mundo, ou colocar às avessas a realidade do globo; e quem sabe o que mais.<sup>72</sup> Joanna afirma não tinha a intenção de contrariar a natureza e apenas se empenhava em seguir e cumprir a palavra do Criador.

Longe de querer que a mulher invadissem o espaço público masculino, Joanna acreditava, em seu limitado entender – como afirma no artigo - ser a emancipação moral da mulher a ilustração. Não cabia a ela abandonar a missão prevista, desenhada pelo Criador – ser mãe e esposa – no entanto, para realizar tais funções com competência ela teria que ter conhecimentos ligados ao universo masculino. Não se propunha que uma senhora tornar-se empregada pública, oficial da marinha, ministra do Estado ou advogada, “com quanto deva ella conhecer as [regras] do seu próprio paiz, porque tem de educar seus filhos no espirito da lei”<sup>73</sup>. Ter o conhecimento para assim realizar da melhor maneira a sua função. Porém, não se entende por ilustração habilidades fúteis. Em primeiro lugar a mulher deveria ter uma religião. Entendia-se que a religião era o verdadeiro conhecimento dos deveres para com Deus e para consigo mesma<sup>74</sup>, logo era através da religião que iria se entender os deveres da mulher: como filha, mãe, esposa, ou seja, como parte importante da sociedade. Após atingir tal conhecimento, deveria estudar o “organismo do Universo – não scientificamente – mas sim poetica e

---

<sup>70</sup> Idem, ibidem, p.28.

<sup>71</sup> O Jornal das Senhoras. Tomo I, domingo, 25 de janeiro de 1852, p. 27

<sup>72</sup> Idem, ibidem, p.27.

<sup>73</sup> Idem, ibidem, p.27.

<sup>74</sup> Idem, ibidem, p.28.



religiosamente”<sup>75</sup>, isto é, conhecer noções de geografia, história, matemática, literatura que as tirassem do “systema automático”<sup>76</sup> e dessa maneira elas iriam compreender sua missão. E “uma vez persuadida de sua missão, de seus deveres e de seus direitos, sinta nascer no seu coração essa bella dignidade”<sup>77</sup>. Uma vez que a emancipação moral da mulher seria deixar de ser coisa para ser mulher tal como o criador a formou:

“Frac e fragil como a humanidade inteira: porque a humanidade não é o homem só – nem a mulher só [...] Mulher que possa, no conhecimento exacto dos seus deveres, encontrar a força moral que preserve na ocasião de subescrever a infames humilhações. Mulher que possa encontrar na sua educação recurso honesto contra a opressão, contra a crápula e contra a miseria.”<sup>78</sup>

A concepção do que seria a emancipação moral da mulher para o *Jornal* foi sendo construída por Joanna e suas colaboradoras ao longo das publicações. Em evidência esteve à função materna da mulher, um dom divino concedido para a perpetuação da espécie e que para ser bem cumprido necessitava de instrução. Emancipar uma senhora, pelo que se observou no periódico, era instruí-la para assim desempenhar da melhor maneira possível o seu papel primordial mãe e esposa. Educar as mulheres para poderem ensinar a seus rebentos o conhecimento básico e o refinamento social. Desse modo, a mulher passaria a ter um reconhecimento real de sua função e ocuparia uma posição de prestígio na sociedade, saindo da sombra do homem – quer seja ele um parente ou seu esposo. Sairiam da tutela do homem e passariam a ser posta em condição de “igualdade”, mas com papel distinto, para poder bem exercer sua incumbência, sua função de mãe. Uma “igualdade” desigual, uma vez que estava subentendido em seu significado uma submissão à figura masculina, mas que poderia ser contestada de formas discretas, como no consumo e na utilização das roupas, assunto a ser tratado no terceiro capítulo.

Tais ideias aqui apresentadas e defendidas pelo *Jornal das Senhoras* dificilmente aparecem em estudos sobre a condição feminina em meados do século XIX e até mesmo na época em questão não era algo discutido corriqueiramente como mostra um trecho da quarta edição da gazeta, “as nossas ideias vão de encontro com o praticado até hoje, assim como com os preconceitos que viciam a educação da mocidade, nem por isso

---

<sup>75</sup> O Jornal das Senhoras. Tomo I, domingo, 25 de janeiro de 1852, p. 28.

<sup>76</sup> Idem, ibidem, p.28.

<sup>77</sup> Idem, ibidem, p.28.

<sup>78</sup> Idem, ibidem, p.28.

deixaremos de as expor com toda a franqueza que devem ter opiniões de tal importância.”<sup>79</sup> Por mais difícil que essa tarefa pudesse ser, o *Jornal* gostaria de contar com a boa vontade e a experiência de suas leitoras para que suas ideias defendidas, seus pensamentos fossem espalhados pela Corte e que se tornasse vantajoso ao bem geral. Como é evidenciado no artigo escrito pela redatora chefe Joanna Noronha, que abre a edição de 4 de abril de 1852, fazendo um balanço do primeiro trimestre da publicação e reafirmando os valores do *Jornal* para o segundo trimestre. Nele a escritora relata ter encontrado muitas dificuldades, mas pouco a pouco conseguiu contornar esses empecilhos e tinha a expectativa de satisfazer suas leitoras e realizar os projetos do semanário. Ao final do texto, expondo a posição do periódico, a redatora, pede licença para revelar uma verdade, neste momento Joanna diz a sua leitora que as intenções com o seu jornal seriam maiores e mais importantes do que o lucro:

“...nós não trabalhamos nesta empresa a mira do lucro e no ensejo da especulação; seria ludibriar o sexo feminino.

Mulher, como somos, não nos podemos curvar á ideia de vender as nossas opiniões e a dos outros pelo interesse do ouro: não fazemos mais do que imitar o nosso sexo, e á elle pois recorreremos.”<sup>80</sup>

Esse artigo, intitulado *As nossas assignantes*<sup>81</sup>, parece ter sido escrito como resposta as críticas que o *Jornal* recebia. Algumas sem nem mesmo conhecer o conteúdo da gazeta, como já se citou, e outras que chegavam à redação do jornal em forma de cartas. Uma destas<sup>82</sup> tornou-se tema do primeiro artigo, intitulado resposta, da edição de 8 de fevereiro de 1852. Como o próprio título já diz, esse texto seria uma resposta da redatora chefe a uma carta recebida pelo *Jornal* assinada por uma pessoa que se identificava sendo o homem. A carta<sup>83</sup> parece fazer duras críticas às ideias expostas no *Jornal*, seriam doutrinas subversivas. No entanto, ela seria apenas mais um espinho no caminho dessa carreira perigosa que Joanna havia escolhido, segundo a própria, e continua: “eu esperava encontrar um oppositor ás minhas doutrinas e com isso me dá pouco abalo, irei avante, segura de preencher uma santa missão, e com toda

---

<sup>79</sup> Idem, ibidem, p.28.

<sup>80</sup> O Jornal das Senhoras. Tomo I, domingo, 04 de abril de 1852, p. 104.

<sup>81</sup> Idem, ibidem.

<sup>82</sup> Não desconsiderando a hipótese de ser a única pelo fato do artigo não deixar claro se o recebimento desse tipo de carta era comum.

<sup>83</sup> A carta em questão não se teve acesso. No periódico é dito que tal documento havia sido publicado na edição do primeiro domingo de fevereiro, porém na edição da qual tive acesso tal carta não é encontrada.

coragem do verdadeiro apóstolo da verdade.”<sup>84</sup> Finalmente, termina o artigo reforçando que não iria recuar de suas ideias, não teria medo e saberia argumentar, todavia, não iria responder direta ou indiretamente cartas que chegassem sob a assinatura do anonimato. Joanna finaliza dizendo: “Eu combato com o meu nome á frente da redacção do Jornal, e estou no meu direito exigindo que assim pratiquéis; porque a vossa publica assignatura me servirá de garantia.”<sup>85</sup> Deixando claramente demonstrado que não tinha medo de defender aquele seu posicionamento presente desde a primeira edição do *Jornal* e que iria resistir aos ataques sofridos para continuar desempenhando da melhor maneira possível a sua missão, de propagar a emancipação moral da mulher naquela sociedade.

---

<sup>84</sup> O Jornal das Senhoras. Tomo I, domingo, 04 de abril de 1852, p. 42.

<sup>85</sup> Idem, ibidem, p. 43.

### 3. Colete de emancipação

O *Jornal das Senhoras* tinha o intuito de promover a emancipação moral das senhoras. Tal propósito estava presente em quase todas as seções do *Jornal*, inclusive na de moda. A centralidade da coluna de moda ao longo dos primeiros seis meses de publicação do periódico se explica também por essa razão. Geralmente eram os artigos sobre moda que abriam as edições do *Jornal*. O título apresentou mudanças no padrão gráfico, diferente do que ocorria com as demais partes do semanário, dando um maior destaque à coluna. Nas 27 edições utilizadas nessa pesquisa em apenas quatro a coluna não se fez presente. Apenas o romance *Mistérios del Plata* foi mais constante, estando presente em todas as edições consultadas.

(1) **Modas. MODAS.** (2)



(3)

Aqui se vê a evolução gráfica do título da coluna “Modas” ao longo desse curto período. As figuras indicam: (1) o título na primeira edição do *Jornal das Senhoras*, 1 de Janeiro de 1852, (2) na terceira edição de 18 de Janeiro de 1852 e (3) na décima terceira edição de 27 de Março de 1852, modelo que vigorou até as edições aqui consultadas.

Da primeira edição até a do dia 4 de Abril de 1852, a coluna era assinada de maneira enigmática: o Catete. Além dessa referência espacial, não há outras pistas que ajudem a descobrir a identidade da pessoa responsável por essa parte da folha. Segundo Joanna, na primeira edição do periódico, essa colaboradora seria uma amiga das leitoras. Era jovem, inteligente e espirituosa. A colunista, ao se apresentar em um artigo de título *O vosso convite*, se diz surpreendida com o horroroso convite da redatora, pois sendo estouvada e leviana agora estaria metida a escrever artigos para serem publicados. Sua segurança estaria em seu anonimato, como desenvolve mais a frente no mesmo

artigo: “mas eu a quem Deos não deu miolo para tanto (o que vale é que ninguém sabe quem eu sou) vede lá a diferença: estou tremendo, suando e arfando cansaço”<sup>86</sup>. A colunista, nesta passagem, está fazendo referência, e se comparando, à redatora, que já tinha experiência nesse campo de publicação, demonstrando o seu nervosismo em relação a essa nova empreitada. E assim decorreram as seguintes publicações do *Jornal* até a edição do dia 25 de Abril de 1852. Nessa edição, a coluna recebe nova assinatura, Christina, e passa a ser endereçada do Infante Não se pode afirmar apenas por essa mudança que o *Jornal das Senhoras* mudou a colunista da seção de moda sem informar, de modo direto, as suas leitoras. No entanto, podemos notar algumas pequenas diferenças estilísticas entre os textos assinados por Catete e os de Cristina que, na edição de 23 de maio de 1852, em crônica escrita para reafirmar que não havia uma diferença entre o traje da senhora elegante francesa em relação ao da senhora brasileira diz: “Por certo o mundo elegante de Paris não traja hoje melhores e mais distintas fazendas, de que nós usamos por cá. E decisão que já passou por julgado, e que minha mui distinta **antecessora** perfeita e minuciosamente vos explicou.”<sup>87</sup> (grifo meu). Apesar da mudança, a coluna se mantém muito fiel a sua proposta original que era informar a última moda do mundo elegante parisiense, orientar nas melhores combinações de *toillettes*, cores e tecidos e as melhores casas para comprar as fazendas e os acessórios. Tudo isso, vale ressaltar, sem deixar de lado o propósito do semanário de tentar compreender e dar voz ao sexo feminino.

Como dito, a seção de moda não aparece deslocada da proposta política do *Jornal*. Segundo a colunista, escrever artigos de modas não a fechava em um círculo único<sup>88</sup>, a seção era mais do que simplesmente descrever *toillettes* de bom gosto para suas leitoras<sup>89</sup>, era um espaço de propagação das ideias defendidas pelo semanário. Moda seria algo tão presente na vida das senhoras que a colunista dispensa explicação do que seria isso para suas leitoras. Já no primeiro número, de janeiro de 1852, afirmava: “qual é a Senhora que não sabe hoje o que é a moda?”<sup>90</sup> Apesar de se tratar de uma pergunta, o sentido era o de uma afirmação, uma vez que estava certíssima de que escrevia para um círculo de bom-tom e mesmo que assim não fosse tal questão não precisaria de resposta. Ademais, prossegue a colaboradora, “os homens em descrever a

---

<sup>86</sup> *O Jornal das Senhoras*. Tomo I – Quinta-feira, 1 de Janeiro de 1852.

<sup>87</sup> *O Jornal das Senhoras*. Tomo I – Domingo, 23 de Maio de 1852, p. 161.

<sup>88</sup> *O Jornal das Senhoras*. Tomo I – Domingos, 22 de Fevereiro de 1852.

<sup>89</sup> *O Jornal das Senhoras*. Tomo I – Domingos, 25 de Janeiro de 1852.

<sup>90</sup> *O Jornal das Senhoras*. Tomo I – Quinta - feira, 1 de Janeiro de 1852, p.4.

moda tem gasto mais tempo que as Senhoras em executá-la, não acho nenhuma razão para martirizar o meu sexo com as minhas descrições a tal respeito”<sup>91</sup>. Continua dando o posicionamento da coluna de relatar fielmente os figurinos mais elegantes dos milhares que existiam em Paris. Mais do que isso, enfatizava que suas leitoras deveriam escolher aqueles que mais as agradece, e que de agora em diante as moças não teriam mais razão para se vestirem mal:

“Por consequência só darei explicação d’aquelles Figurinos que em minha alma e consciência os julgar dignos de serem apresentados as vossas dignas assignantes pelo Jornal das Senhoras, que deve ser, como penso, jornal de muito bom gosto. E que outros apresentem aquelles que bem lhes parecer; para que fica o direito salvo a todas ellas de escolherem o que mais lhes convier e agradar; não vejo que isso seja pecado.”<sup>92</sup>

A ideia de distinção pelo gosto, pelo bom gosto salta aos olhos nessa passagem e ajuda a explicar a importância da seção no projeto do semanário. Além disso, podemos tentar explicar a centralidade que os artigos de modas e até mesmo os jornais dedicados exclusivamente à moda nos oitocentos adquirem recorrendo à clássica obra de Gilda de Mello e Souza *O espírito das roupas*, na qual defende que para o grupo feminino a moda continuava a ser no século XIX “a grande arma na luta entre os sexos na afirmação do indivíduo dentro do grupo”<sup>93</sup>. A moda representava para o sexo feminino uma forma de afirmação na sociedade e como aponta a historiadora Maria do Carmo Teixeira Rainho, após a leitura de jornais da época, a “moda aparecia para a mulher como algo indispensável, um elemento que, além de reforçar seus atributos naturais, distinguiria aquela da ‘boa sociedade’ pela elegância e pelo bom-tom”.<sup>94</sup> A moda seria um atributo feminino, um veículo de expressão social e também um meio de ostentar o sucesso familiar. Modelar o corpo para tornar-se uma mulher vistosa e elegante evidenciava prosperidade e refinamento social, favorecendo, assim, o status social do marido.<sup>95</sup> O “bom gosto”, portanto, não era algo de somenos importância.

---

<sup>91</sup> *O Jornal das Senhoras*. Tomo I –Quinta - feira, 1 de Janeiro de 1852, p.4.

<sup>92</sup> Idem, ibidem, p.4.

<sup>93</sup> SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras. 1987, p.89.

<sup>94</sup> RAINHO, Maria Teixeira do Carmo. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX*. Brasília: UNB, 2002, p.138.

<sup>95</sup> LIMA, Joelma Varão. *O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo (Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX)*. São Paulo: PUC-SP, 2012, p.144.

Através do estudo sobre a moda é possível refletir sobre as transformações socioculturais. Como defende a pesquisadora Ana Paula Cavalcanti Simioni, é um “fenômeno social denso, uma prática cultural que não é derivativa da experiência histórica, mas sim constitutiva dela.”<sup>96</sup> Desse modo, não é despropositado discutir a questão da emancipação da mulher através desse que se constituía em um elemento tão importante/central ao universo feminino na época. Muito além do que uma simples variação sazonal, investigar a moda, suas definições e os debates que cercavam esse tema, é um meio para se perceber as formas como grupos sociais se combinam e se diferenciam. Como aponta a socióloga Diana Crane:

“Em qualquer período, o conjunto de discursos sobre vestuário inclui aqueles que sustentam a conformidade com as concepções dominantes dos papéis sociais e os que expressam as tensões sociais que forcem os conceitos amplamente aceitos de papel social a tomar novas direções.”<sup>97</sup>

\* \* \*

A colunista de moda aceitou o convite da redatora chefe por estar convencida da necessidade de uma fiel interprete das modas europeias na Corte<sup>98</sup>. Para realizar tal tarefa da melhor forma possível, a cronista, na edição do dia 25 de Janeiro de 1852, tenta pela última vez esclarecer qual seria a função da coluna:

“Porque minhas queridas Leitoras não esta só em dizer-se: - a moda é assim; em Paris usa-se assado; as cores são estas; as fazendas são aquellas; não, taes artigos de modas só servem para trazer as senhoras em continua confusão, e acabão por ninguem os acreditar como tal, mas assim como artigos espirituosos e bem feitos unicamente. É necessário indicar a moda, inculcar as fazendas, designar a modistas, e em fim preparar o prato para ser trinchado ao gosto de cada um. Dest’arte persuado-me poder alcançar-se ao menos, que andemos a par das modas, e não aconteça usarmos dois e três annos depois aquilo que em Paris já enjoa de tão usado”<sup>99</sup>

---

<sup>96</sup> SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Esses detalhes tão significativos: moda, cultura e historicidade no Brasil*. p. 9. In. BONADIO, Maria Claudia; MATTOS, Maria de Fátima da S. Costa G. de. História e cultura de moda. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

<sup>97</sup> CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Editora Senac, 2006, p. 198.

<sup>98</sup> *O Jornal das Senhoras*. Tomo I – Domingos, 25 de Janeiro de 1852, p.25.

<sup>99</sup> Idem, ibidem, p.26.

Nesse extrato a cronista reafirma sua missão de trazer, através da coluna, as últimas novidades da moda parisiense e moldes dos mesmos feitos na capital francesa com exclusividade para a publicação, sendo entregue para suas assinantes no início de cada mês. Como aponta Joelma Varão Lima, o modelo de moda francesa simbolizava requinte e elegância e as colunistas devotadas a esse tema no *Jornal* “além de divulgar um padrão de moda, também ensinavam a fazer os modelos e traziam moldes de peças consideradas elegantes e discretas”<sup>100</sup>. Dessa forma, não haveria mais razões para as senhoras da Corte se vestirem mal<sup>101</sup>, pois como afirma a colunista em seu primeiro artigo, os figurinos ali explicados seriam aqueles que sua consciência julgasse dignos de suas assinantes<sup>102</sup>. É possível dizer mais com essa passagem, uma vez que a autora afirma o objetivo de esclarecer as leitoras, de manter elas atualizadas, mas fazia isso com o propósito de tornar elas capazes de “destrinchar” cada prato ao seu próprio “gosto”. Parece haver um sentido de educação da moda aqui, e um conceito de moda a ser explorado. Se era essa a intenção primordial desta parte do jornal, resta investigar como isso acontecia, se apenas por meio dos textos, ou também com imagens; havia indicação de lugares para comprar tecidos, confeccionar modelos, etc.?

O primeiro molde de figurino descrito pelo *Jornal das Senhoras* veio na edição do dia 11 de Janeiro de 1852, provando sua sintonia com a moda parisiense. E logo de cara apresentava uma curiosa novidade, o “colete de emancipação” nome de resto um tanto estranho e que não aparece junto com uma explicação ou filiação. No entanto, como o nome sugere seria uma peça de roupa que iria proporcionar a emancipação daquela que o usasse. Seria, de certa forma, a materialização dos objetivos do periódico. Sendo assim, cabe especular se esse nome não foi criado pela própria colaboradora que assinava da Freguesia do Catete.

O colete foi caracterizado desde o início do texto como algo revolucionário:

“O colete de emancipação é uma destas modas distintas e especiaes, que de tempos em tempos Paris offerece as suas elegantes para n’ellas produzir uma revolução e um furor que, como a eletricidade, vae tocar todos os pontos da França, todos os círculos da sociedade, e por fim percorrer victoriosa a Europa toda, e chega a

---

<sup>100</sup> LIMA, Joelma Varão. *O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo (Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX)*. Op. cit. p. 169.

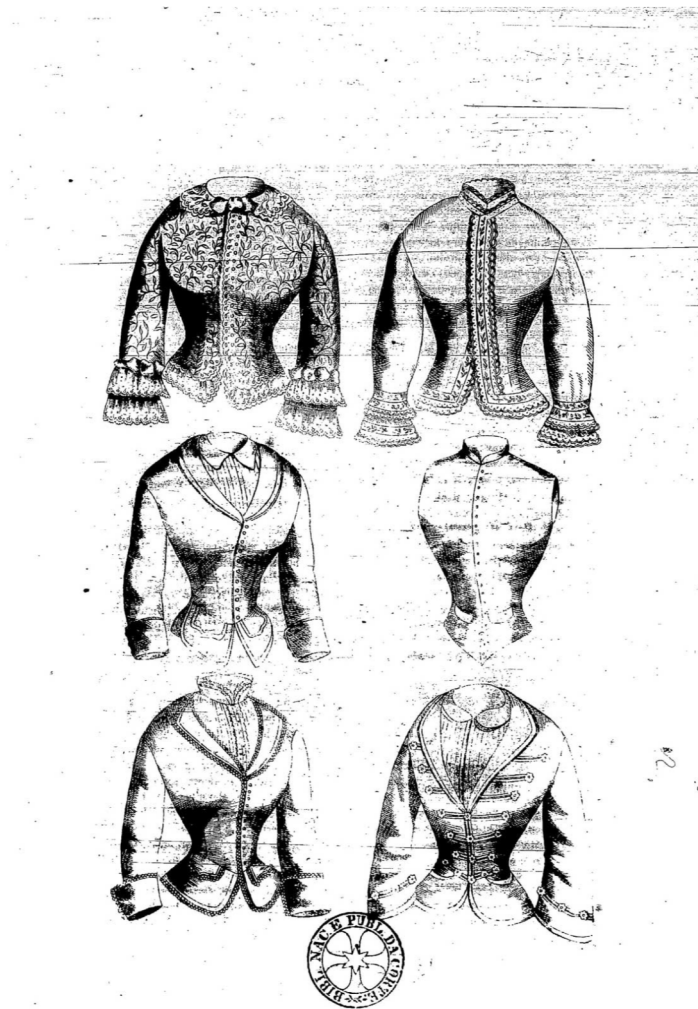
<sup>101</sup> O *Jornal das Senhoras*. Tomo I, quinta-feira, 1 de janeiro de 1852.

<sup>102</sup> Idem, ibidem, p.4.



America para ahi fazer outro tanto, sempre bem acolhida em toda parte.”<sup>103</sup>

Feito, preferencialmente, de seda, lã, fustão ou metim, o “colete de emancipação” deveria ser usado com uma saia, um paletó muito curto arredondado nas mangas que não poderia ser fechado para poder mostrar toda a beleza da nova peça chave do guarda-roupa feminino de bom-tom. Tudo sobre uma finíssima camisa de peito de renda, cambráia de linho ou tiras bordadas. Para arrematar o traje uma gravatinha de fita de veludo. A autora da coluna apresenta à sua leitora como os tecidos deveriam ser coordenados para manter a harmonia da veste. Como a prova da peça era extremamente importante para acertar o molde ao corpo da assinante, sendo a costura feita do mesmo jeito que o de um colete masculino.<sup>104</sup>



“Colete de emancipação” - *O Jornal das Senhoras*, 21 de Março de 1852.

<sup>103</sup> *O Jornal das Senhoras*. Tomo I, quinta-feira, 11 de janeiro de 1852, p.9.

<sup>104</sup> *Idem*, *ibidem*.

O colete, segundo a colunista, seria o novo talismã e o encanto do guarda-roupa das elegantes, vestiria bem todas as mulheres.<sup>105</sup> “É a moda que faz ficar engraçado até o corpo das moças da roça!”<sup>106</sup> Seria um colete de homem bem talhado que vestido por uma menina de quinze, vinte anos ou até mesmo uma senhora de trinta e cinco anos ficaria muito bonito.<sup>107</sup> Era o novo furor e delírio das parisienses, e não tardaria a ser de todo mundo, carregando a marca da novidade e da distinção, pois as outras modas de nada tinham de novo, se diferenciavam por ter mais ou menos babados tornando-se o vestuário repetitivo<sup>108</sup>. Além disso, seria uma moda útil e econômica visto que: “as senhoras em geral podem fazer, mesmo em casa, os seus coletes, bordal-os de marca ou ponto real, e fantasial-os conforme seu bom gosto.”<sup>109</sup>

Destaca-se, nesse primeiro artigo sobre o “colete de emancipação”, a importância que ele adquiriu, sendo comparado com o advento da eletricidade, talvez uma das tecnologias mais inovadora difundidas ao longo do século XIX. Desprende-se desse fato a centralidade e a importância que o vestuário parecia ter na vida daquelas senhoras dos oitocentos. Um furor comparado ao de uma invenção que até o século XXI é citada como uma das maiores descobertas do homem. No entanto, tal peça do vestuário ao longo de percurso histórico perdeu o valor ou foi negligenciado. Cabe salientar que o “colete de emancipação”, como dito na coluna, era uma peça do vestuário masculino sendo utilizado por uma menina ou até mesmo por uma senhora.

Como ressalta a pesquisadora Joelma Varão Lima, havia uma emancipação mediada pela ilustração e o bom gosto. Ou seja, através do refinamento adquirido pela educação, a senhora emancipar-se-ia, sem sair do espaço no qual deveria ficar circunscrita, ligado a aspectos frívolos e compreendidos como de menor importância. Dessa forma, “a moda ditada na França e seguida pelas brasileiras era fator de libertação”<sup>110</sup>. Entretanto, como já dito anteriormente, a moda é um fenômeno social denso e não pode mais ser posta de lado por carregar o estigma do fútil, visto que carrega em si elementos que ajudam a compreender parte da experiência histórica.

---

<sup>105</sup>O Jornal das Senhoras. Tomo I, quinta-feira, 11 de janeiro de 1852, p.10.

<sup>106</sup> Idem, ibidem, p.10.

<sup>107</sup> Idem, ibidem, p.10.

<sup>108</sup> Idem, ibidem, p.10.

<sup>109</sup> Idem, ibidem, p.10.

<sup>110</sup> LIMA, Joelma Varão. *O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo (Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX)*. Op. cit. p. 141.

A utilização de roupas do vestuário masculino, tais como gravatas, chapéus, paletós, camisas e coletes por mulheres ao longo do século XIX parece ter sido uma prática comum, como defende a socióloga Daiana Crane. Em sua pesquisa, Crane conceitua tal maneira de se vestir como estilo alternativo que “pode ser compreendido como um conjunto de sinais, extraídos do vestuário masculino, composto por itens usados separadamente ou em conjunto, que modificavam sutilmente o efeito do traje feminino.”<sup>111</sup> A respeito dos coletes para mulheres, eles surgem em 1846 e permanecem por cerca de uma década<sup>112</sup>, assim como os chapéus e as gravatas. Eram, na avaliação da autora, um forte símbolo de identificação masculina e que ao serem usados por mulheres se tornavam símbolo de afirmação social, “constituíam uma afirmação simbólica do status da mulher.”<sup>113</sup> Desse modo, vestir-se com peças tipicamente do vestuário masculino permitia à mulher expressar-se socialmente ao mesmo tempo que garantia certa segurança à mulher, pois se mais senhoras se vestiam de forma parecida, ela não estaria sendo uma desviante. O fenômeno da moda tem essa característica, ao mesmo tempo em que expressa a individualidade, produz uma homogeneidade. Dificultando, assim, perceber como aquele discurso não verbal por ela produzido pode ir de encontro com a norma social vigente.

Pelo relatado na coluna do dia 18 de Janeiro de 1852, uma semana após a publicação que continha o molde e a descrição do “colete de emancipação”, mesmo com os moldes dos figurinos esgotados, já se podia observar a utilização da peça nos espaços públicos. A colunista encontrou uma senhora usando o colete no teatro de S. Januário, outras três lindas meninas em uma *soirée* na noite de quinta e a na sexta à tarde, em um passeio, duas jovens. Destas, a escritora fez questão de descrever a veste completa. Em relação da veste da mais baixa, chama a atenção o modo como a colunista descreve a o comportamento da jovem assinante ao se vestir daquela forma:

“O que porém rematava este lindo toilette de campo com inexplicável graça era a feliz e bem combinada mistura, expliquemo-nos assim, que a elegante fazia, da sua gentileza com um bocadinho de garbo masculino: ella passeava com uma das mãos apoiada ao seu collete e com a outra graciosamente

---

<sup>111</sup> CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Editora Senac, 2006, p. 202.

<sup>112</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>113</sup> Idem, *ibidem*, p. 217.

brincava com os sinetes de seu relógio. Era um semi-homem cheio de feitiços e encantos.”<sup>114</sup>

A jovem moça, segundo a colunista, era quase um homem, mas não perdia seu charme e atrativo feminino. Brincava com os apetrechos masculinos. Desafiava convenções sociais sobre o que era ser homem e mulher ao utilizar uma vestimenta que mesclava elementos típicos do vestuário masculino sem perder a feminilidade. Como ressalta Crane<sup>115</sup>, o fascínio da moda também reside na forma como as tensões que nelas se expressam são redefinidas, como por exemplo: masculino *versus* feminino. As identidades de gêneros não são fixas, por mais que uma historiografia quisesse enquadrar o papel da mulher no século XIX pautado pelo tom conservador e submisso. Uma leitura sistemática de fontes como o *Jornal das Senhoras* permite adentrarmos em um universo que ainda pode surpreender e mostrar um lado diferente dessa construção histórica em relação ao papel feminino no oitocentos, constituindo em uma nova chave de leitura. Afinal, não se deve desconsiderar o tom político do *Jornal* e sua intenção de emancipar as mulheres. O periódico, deste modo, não pode ser visto como algo impessoal, devendo ser esta fonte, como de resto qualquer documento, submetido a sistemático questionamento, não sendo aprendida como uma verdade única.

O “colete de emancipação” tornou-se assunto recorrente na coluna de moda. Na edição do dia 21 de Março de 1852 a colunista apresenta à suas leitoras outra novidade: moldes de *paletots* femininos, peça que combinaria perfeitamente com o colete. Uma semana após, na publicação do dia 27 de Março, a colunista rodeada de jornais de modas francesas diz que não encontra nenhuma novidade. Tudo o que a colunista via nesses jornais eram “toilettes de paletot e collete, cuja moda ferve em Paris no requinte do seu furor, e por em quanto é o mais notável no mundo elegante.”<sup>116</sup> Reafirma-se também a sintonia do *Jornal* com as publicações parisienses, mostrando para suas leitoras a concordância do semanário em relação às novidades francesas: “Por certo o mundo elegante de Paris não traça hoje melhores e mais distintas fazendas, de que nós usamos por cá.”<sup>117</sup>

---

<sup>114</sup> O *Jornal das Senhoras*. Tomo I, quinta-feira, 18 de janeiro de 1852, p.18.

<sup>115</sup> CRANE, Diana. Op. cit.

<sup>116</sup> O *Jornal das Senhoras*. Tomo I, Domingo, 27 de Março de 1852, p.96.

<sup>117</sup> O *Jornal das Senhoras*. Tomo I, Domingo, 23 de Maio de 1852, p.161.

Para além de mostrar as peças de roupas e como combiná-las, a coluna encarregava-se de mostrar a suas leitoras todo o mecanismo existente por detrás de uma elegante *toilette*. Desse modo, o *Jornal das Senhoras* tinha a intenção de indicar para suas leitoras os locais para se comprar os tecidos, com quem confeccionar as vestimentas e outras questões que julgasse pertinente para compor o vestuário da senhora requintada. Com o fito de exercer da melhor maneira tal propósito, o *Jornal* defendia certa autonomia feminina para realizar as compras. A colunista sugere para suas leitoras irem aos primeiros armazéns de moda para conversarem e se familiarizarem com as modistas brasileiras – “Não mandem, vão mesmo em pessoa, que assim melhor comprarão e alcançarão com mais facilidade as explicações de que carecerem.”<sup>118</sup>

Defendia o fim do costume de mandar o pai, o marido, o irmão ou o primo comprar as encomendas pelo simples fato de que primeiro irão passar horas resmungando e por fim as compras dificilmente sairiam do agrado da senhora<sup>119</sup>. E ao final do artigo publicado na edição de 7 de Março de 1852, diz: “Homens, comprem calças, casacas, rapés e charutos, que nós compraremos os nossos enfeites e as nossas fazendas”<sup>120</sup>. A mulher deveria ir ao espaço público e conhecer os armazéns e as lojas que vendiam os produtos que queriam. Suas leitoras não deveriam ficar mais reféns dos comissários, tal como expressa na edição do dia 27 de Março de 1852, que tratou das novidades que as lojas receberam. Segundo a colunista, algumas destas preciosidades deveriam custar caro, mas isso não deveria ser motivo de reclamação, visto que muitas ainda deixavam suas compras sobre a responsabilidade de um terceiro que podia fazer o que bem entendesse: “E se caro vos custa, minhas queridas leitoras, não vos quexeis senão de vós mesmas, que ainda vos não deliberastes a fazer vossas compras pela vossa própria mão, confiando-vos antes a especulação de um comissário, que só Deus sabe o que elle faz!”<sup>121</sup>

---

<sup>118</sup> O *Jornal das Senhoras*. Tomo I, Domingo, 7 de Março de 1852, p.73.

<sup>119</sup> Idem, ibidem.

<sup>120</sup> Idem, ibidem.

<sup>121</sup> O *Jornal das Senhoras*. Tomo I, Domingo, 27 de Março de 1852, p.97.

No entanto, trazer a última moda da “classe d’aquelles que forão escolhidos e são preferidos pelo mundo elegante de Paris”<sup>122</sup> teria um preço alto. Seria um capricho muito caro, pois além de trazer os modernos figurinos de um país europeu, o comércio brasileiro ainda não estava preparado para atender essa demanda. Segundo a colunista, com a mesma despesa feita para obter um figurino apresentado pelo semanário, ela poderia oferecer a suas leitoras quatro ou seis trajes que já estariam disponíveis para serem copiados nas lojas de modas da rua do Ouvidor.

O *Jornal* proclamou a ida das senhoras a rua do Ouvidor, centro comercial de requinte da corte, defendeu a autonomia de compra de suas elegantes leitoras e trouxe as últimas – e revolucionárias – modas de Paris. O periódico fez de todo o seu corpo um local para propagar seus ideais. Utilizou-se do elemento que talvez tenha sido o mais constitutivo do universo feminino do século XIX: a moda. E apesar de aparentar certa distância com discussões mais políticas, utilizou-se dela como instrumento para incluir questões importantes sobre a condição feminina no oitocentos e defender uma maior inserção da mulher na sociedade.

---

<sup>122</sup> O *Jornal das Senhoras*. Tomo I, Domingo, 4 de Abril de 1852, p.105.

## Considerações Finais

Na edição de Domingo do dia 4 de julho de 1852, a seção *as nossas assignantes* do *Jornal das Senhoras* é assinada por Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco, a nova redatora chefe do periódico. Por motivos imperiosos, segundo Violante, Joanna teve que atender a outros deveres e deixou a redação do semanário. A nova redatora permaneceu no *Jornal* até meados de 1853. Na edição de 17 de abril de 1853, o *hebdomadário* passa a ser capitaneado por Gervásia Numésia Pires dos Santos Neves até o final do ano de 1855 quando o *Jornal* encerra suas publicações.

Ao ser lançado, o *Jornal das Senhoras* não sabia qual seria a sua receptividade, a expectativa da editora era evidente ao longo das primeiras edições. O frisson causado pela coluna de moda arrebanhava leitoras fiéis ao periódico que assim também conseguia propagar suas ideias. Destinado às mulheres de elite da Corte, defendeu a *emancipação moral da mulher*, isto é, sua ilustração. Tirou às senhoras, pelo menos em seu discurso, de um papel passivo para agente na sociedade. Renovou sua função materna, como educadora de seus filhos, dando centralidade a figura da mãe na criação dos futuros cidadãos da pátria. Atribuiu à mulher um papel de destaque dentro de casa, deixando de ser “criada do lar” para se tornar a “rainha”, como aponta a historiografia. Mostrou as senhoras como produtoras e consumidoras daquela sociedade. Tudo isso representou, de alguma forma, um empoderamento da mulher, em uma sociedade marcada pelo estigma patriarcal e pela mácula da escravidão.

## Referências Bibliográficas

### a)Fonte

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA DA BIBLIOTECA NACIONAL

- O Jornal das Senhoras, Typographia Parisiense, rua Nova do Ouvidor, n.20, 1852.

### b)Bibliografia

BICALHO, Maria Fernanda Baptista. *O bello sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX*. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (org.). *Rebeldia e submissão: estudos sobre condição feminina*. São Paulo: Vértice, 1989.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Editora Senac, 2006.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Criadas para servir: domesticidade, intimidade e retribuição*. In: CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos. *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007

D'INCAO, Maria Ângela. *Mulher e família burguesa*. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

GARZONI, Lericé de Castro. *Arena de combate: gênero e direitos na imprensa diária (Rio de Janeiro, início do século XX)*. Campinas, SP: [s.n.], 2012.

LIMA, Joelma Varão. *O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo (Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX)*. São Paulo: PUC-SP, 2012.



\_\_\_\_\_. *Jornal das Senhoras, olhares femininos sobre a urbanização na corte*. In. Anais do XIX encontro regional de história: poder, violência e exclusão. São Paulo: ANPUH-USP, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula*. In. PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

LOBO, Luiza. *Juana Manso: uma exilada em três pátrias*. Gênero. Niterói, v.9, n.2, p.47-74, 1º sem.2009.

LUCA, Tania Regina. *A história dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

OLIVEIRA, Karine da Rocha. *Josefina Álvares de Azevedo: a voz feminina no século XIX através das páginas do jornal A Família*. Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

RAINHO, Maria Teixeira do Carmo. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX*. Brasília: UNB, 2002.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Esses detalhes tão significativos: moda, cultura e historicidade no Brasil*. p. 9. In. BONADIO, Maria Claudia; MATTOS, Maria de Fátima da S. Costa G. de. *História e cultura de moda*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

## DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Guilherme Domingues Gonçalves, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado *Moda e emancipação feminina: um estudo do jornal das senhoras – Rio de Janeiro 1852* foi integralmente por mim redigido, e que assinaei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer outro idioma ou formato.

-----  
Guilherme Domingues Gonçalves

Brasília, 27 de Janeiro de 2014